

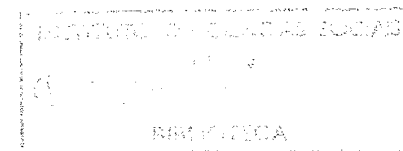
## DIAFANIAS DO MUNDO

Diafánias do mundo : homenagem a Mário Ferreira Lages. -- Lisboa : Universidade Católica Editora, 2012. -- 432 p. ; 23 cm  
( Homenagem )

ISBN 978-972-54-0335-8

I – Col. II – LAGES, Mário Ferreira, homenageado

CDU 929 Lages, M. F.



# Diafánias do Mundo

Homenagem a Mário F. Lages

© Universidade Católica Editora

Edição: Universidade Católica Editora, Unipessoal, Lda.

Revisão editorial: Helena Romão

Composição gráfica: EUROPRESS, Lda.

Data: Julho 2012

Depósito Legal: 345698/12

ISBN: 978-972-54-0335-8

UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA

Palma de Cima – 1649-023 Lisboa

tel. (351) 217 214 020 fax (351) 217 214 029

uce@uceditora.ucp.pt www.uceditora.ucp.pt



UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA  
LISBOA 2012

Esta intervenção continuaria através de outros movimentos com os da revista *Princípio*, *Seara Nova* ou *Nova Renascença*, através da educação também para a cidadania e intervenção política e económica apartidária, com o objectivo de uma consciência crítica. Neste momento de grave crise em que vivemos é importante continuar a educar as pessoas, não apenas para o sentido integral da sua existência, por via dos valores científicos, estéticos, éticos e religiosos, mas também através dos valores políticos e económicos que garantem o bem comum das sociedades.

A este nível, a prioridade de hoje é alertar as pessoas para o facto de o modelo actual do Estado Social não poder sobreviver durante muitos mais anos. O Estado Social tal como o conhecemos vai implodir. É insustentável. Pelo que, é necessário começarmos já a trabalhar para criar um modelo alternativo, que possa continuar a garantir o apoio dos mais necessitados e que possa promover a poupança de quem trabalha para uma futura reforma que já não poderá ser garantida pela Segurança Social. A Democracia republicana encerra novos desafios, centrados no exercício da cidadania e na ética económica. Há que reflectir sobre as novas possibilidades e agir responsabilmente, tendo sempre como horizonte o bem comum.

## Índice

Notas Introdutórias	
ISABEL CAPELOA GIL	7
ROBERTO CARNEIRO	9
Curriculum	11
Tábula Gratulatória	25
Testemunhos	29
JOSÉ POLICARPO	31
MANUEL CLEMENTE	33
JACINTO TOMAZ DE CARVALHO BOTELHO	35
ANTÓNIO F. MARQUES DE CARVALHO	37
ARMANDO MACHADO	39
ENID DE FÁTIMA DA SILVA SIMÕES ABREU	41
JORGE CEROL	43
MARIA MANUELA AGUIAR	45
MARIA LOPES CARDOSO	49
PEDRO ROSETA	51
Estudos	55
ADRIANA ALVES DE PAULA MARTINS	
<i>Going beyond Oblivion in António Lobo Antunes's O Esplendor de Portugal</i>	57
ALFREDO TEIXEIRA	
<i>A sociabilidade paroquial católica no contexto das novas culturas urbanas</i>	65

AMÉRICO PEREIRA <i>Da realidade fundamental do mito. As «histórias da carochinha» como onto-antropogonias</i>	77
ANA M. <sup>a</sup> COSTA LOPES <i>Imagens do Poder Feminino em Quatro Variantes de um Conto Popular</i>	85
ARTUR TEODORO DE MATOS <i>Uma confraria dos mareantes da carreira da Índia na Lisboa quinhentista.</i>	99
BRIAN JUAN O'NEILL <i>Reflexões Pós-Modernas sobre um Texto Antropológico de Mário Lages</i>	123
CARLOS A. MOREIRA AZEVEDO <i>Laicidade e Igreja</i>	131
CARLOS H. DO C. SILVA <i>Diferenciação da Influência – Tempo sociológico e moralidade</i>	137
CASSIANO REIMÃO <i>Uma Pedagogia para a Universidade do Futuro. A Formação Pedagógica dos Professores do Ensino Superior – Uma Exigência da Qualidade para a Mudança</i>	187
JANUÁRIO TORGAL MENDES FERREIRA <i>Textualidade e Sentido(s)</i>	199
DUARTE IVO CRUZ <i>Dramatização da Guerra. Expressão dos Conflitos Internacionais/Coloniais no Teatro Português dos Séculos XX / XXI</i>	209
ENID DE FÁTIMA DA SILVA SIMÕES DE ABREU <i>Produção Literária, Nacionalidade das Literaturas</i>	223
GILBERTA PAVÃO NUNES ROCHA <i>Os Arquipélagos dos Açores e da Madeira: Uma Perspectiva Demográfica da Actualidade</i>	237
J. MANUEL NAZARETH <i>Economia Social, Voluntariado e Terceiro Sector – o caso particular do voluntariado em saúde</i>	255
JOAQUIM CERQUEIRA GONÇALVES <i>A Insensibilidade Social da Escola. Profissionalização e Ciência</i>	261
JOAQUIM DE SOUSA TEIXEIRA <i>Atualidade da filosofia sociopolítica de São Tomás de Aquino</i>	269

JORGE DA COSTA ANDRÉ <i>A Importância da Fé na qualidade e solidez das Relações Sociais</i>	289
JOSÉ MACHADO PAIS <i>A máquina de pensar</i>	293
JOSÉ MARIA SILVA ROSA <i>O 'conflito de interpretações' no Discurso decisivo de Averróis</i>	301
LUÍS LÓIA <i>Educar para a Privacidade</i>	315
MANUEL BRAGA DA CRUZ <i>A Insustentabilidade da Solidariedade Estatal e a Reemergência da Solidariedade Societal</i>	325
MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL <i>Humanismo ou Barbárie? Pensar a Europa com Agostinho da Silva</i>	333
MARIA FERNANDA DINIZ TEIXEIRA ENES <i>As Festas do Divino Espírito Santo nos Açores e o Paradigma do Império de Alenquer</i>	337
MARIA INÊS AMARO <i>Do Indivíduo moderno ao Individualismo contemporâneo: algumas anotações reflexivas</i>	347
MÁRIO LESTON BANDEIRA <i>Análise demográfica transversal do divórcio: questões de método</i>	357
PAULO TEODORO DE MATOS <i>A estatística da população no ultramar português, 1750-1800. Elementos para o seu estudo</i>	379
ROBERTO CARNEIRO <i>A Imigração em Portugal: Factos e Artefactos</i>	395
SAMUEL DIMAS <i>O movimento social da Renascença Portuguesa: a arte, a literatura e a filosofia para a educação democrática da República</i>	413

De facto, o homem trata as *partículas elementares* e tudo no universo, *como rei e senhor*; é evidente que não tem respeito nem consideração pelas partículas elementares nem pelas formas complexas para que estas evoluem e com que se apresentam; mas todas as pessoas sabem que o homem não é o autêntico *senhor da natureza*, até porque a natureza é anterior ao homem – o homem surge como último estágio no processo de evolução que se verifica na natureza.

É certo que, apesar de tudo, se observa, na generalidade das pessoas, *um certo respeito* pela natureza (preservação do ambiente, conservação das espécies, protecção dos animais contra tratamentos cruéis e contra o cativeiro, etc.) que, para os crentes, é real respeito pela *obra de Deus*, mas para os não crentes parece ser somente interesse do próprio homem (por vezes diferido, com vista às gerações futuras).

Como quer que seja, os não crentes, embora não reconhecendo que haja um *senhor da natureza* (Deus), ao respeitarem *religiosamente* o que a sua consciência lhes dita, comportam-se como os crentes, como se conhecessem e aceitassem a declaração da Constituição Pastoral Sobre a Igreja (Vaticano II): “A consciência é o núcleo mais secreto do homem, o santuário onde está a sós com Deus, cuja voz ressoa no seu íntimo» «uma lei ... à qual deve obedecer ... convidando-o ... a fazer o bem e a evitar o mal».

Pensamos que se pode afirmar deles, que ao praticarem o respeito e obediência à sua consciência, chamando-lhe *natural*, não é à natureza material, às *partículas elementares* isoladamente ou agregadas, que prestam culto; trata-se de culto a algo imaterial – *uma voz* - que só não é atribuída a Deus porque a imagem que dele têm O torna inadmissível. Não se trata de uma idolatria, nem será uma *fé* esclarecida, mas também não é um ateísmo. Apercebem-se de que nem sempre a voz da sua consciência coincide com a de outros, crentes ou não crentes; mas atribuem essas diferenças a erros (dos outros ... ou, eventualmente, de si próprios), e intuem que, dialogando, conseguirão chegar a acordo sobre algo universal.

Destas pessoas, podemos dizer que a qualidade e a solidez das suas relações sociais são tanto maiores quanto maior for a *fé* na voz que ressoa na sua consciência.

#### IV

E, se assim é, podemos concluir, finalmente, que, ao contrário da primeira análise (n.º 1), a qualidade e a solidez das relações sociais depende, afinal, **exclusivamente** da *fé* verdadeiramente praticada, ainda que não plenamente esclarecida.

Permitimo-nos, em apoio desta tese, citar Bento XVI (Discurso aos Membros da Assembleia Geral das Nações Unidas – Nova Iorque, 18 de Abril de 2008):

“Os direitos humanos devem ser respeitados como expressão de justiça e não simplesmente porque podem ser feitos respeitar mediante a vontade dos legisladores.” “Tais direitos estão baseados e modelados sobre a natureza transcendente da pessoa que permite a homens e mulheres percorrerem o seu caminho de *fé* e a sua busca de Deus no mundo. O reconhecimento desta dimensão deve ser fortalecido se quisermos apoiar a esperança da humanidade num mundo melhor, e se quisermos criar as condições para a paz, o desenvolvimento, a cooperação e a garantia dos direitos das gerações futuras.”

## A máquina de pensar

José Machado Pais\*

Perdido num labirinto de rumos possíveis para começar este texto, dei comigo a pensar: como pode um singelo contributo render justo tributo a uma vida dedicada ao ensino e à investigação? Pensei, pensei... e não achei o caminho. Na esperança de que alguma vez os perdidos se acharão, lembrei-me então da máquina de pensar de Ramon Llull (1232-1315), esse grande pensador religioso que pereceu quando, rascunhando os seus últimos escritos, rumava de barco para a sua amada ilha de Palma de Maiorca. Umberto Eco haveria de sustentar que talvez a obra de Llull não tivesse sido o que foi se na ilha não tivesse nascido e aprendido a viver numa encruzilhada de culturas. Grande parte da vida deste *Doctor Illuminatus* foi dedicada à invenção de uma máquina de pensar, ainda hoje conhecida como *Ars Magna et Ultima*. O segredo de funcionamento dessa máquina é uma sofisticada lógica de associações que está na base de um dos mais conhecidos ramos da matemática, a *análise combinatória*. A máquina de pensar de Ramon Llull é, na verdade, uma arte de exploração de dédalos, de misteriosos encontros, combinações e fusões. Por o seu inventor haver nascido, como sugeriu Eco, numa ilha feita de uma encruzilhada de culturas?

Não espanta que Jorge Luís Borges, exímio explorador de estruturas labirínticas, se tivesse entusiasmado com a máquina de pensar de Ramon Llull, começando desde logo por averiguar como ela dava conta dos atributos divinos. No centro do diagrama cerebral da máquina de pensar encontramos a letra A, representando Deus. E a uma equidistância do centro, atadas por estrelas e polígonos, damos conta de outras mais letras (B, C, D, E...) representando diferentes atributos: a bondade, a grandeza, a eternidade, o poder, a sabedoria, a vontade, a virtude, a verdade e a glória. O que o diagrama nos mostra é a inerência dos atributos e a sua evidente articulação. Desse modo podemos afirmar que a glória é eterna e a eternidade gloriosa; ou que a verdade é poderosamente sábia, sabiamente livre, livremente virtuosa, etc. O que podemos descobrir neste labiríntico etc. é

\* Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

inumerável. Nele tanto nos podemos perder como achar. E continuei a dar comigo a pensar. Como pode um singelo contributo render justo tributo a uma vida dedicada ao ensino e à investigação?

Como bem mostrou José Luís Borges, o princípio que move a máquina de pensar de Ramon Llull é a aplicação metódica do acaso. Se não fosse o acaso, provavelmente não teria agora mesmo ocorrido o encontro do leitor com quem se encontra perdido na busca de um caminho para escrevinhar sobre uma vida com uma história para contar. Então, pensando na máquina de pensar de mim para pensar que a obra do Prof. Mário Lages não teria sido o que foi se ele também não tivesse vivido, como viveu, numa encruzilhada de culturas. Estou em crer que a partir das experiências de vida soube o homenageado fazer articulações preciosas entre a vida vivida, a vida percebida e a vida concebida.

A minha participação no júri de provas públicas de agregação do Prof. Mário Lages – e mais tarde nas provas para professor catedrático – ambas realizadas na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, deu-me ensejo de melhor alcançar a riqueza do percurso académico do homenageado. Poderia até usar a máquina de pensar de Ramon Llull para mostrar a inerência dos atributos da sua valiosa obra científica e, volteando com perícia os mecanismos da mesma, demonstrar (por A mais B e outras mais letras do diagrama com tudo o que elas simbolizam) a admirável articulação entre esses mesmos atributos que me apresso – com apreço – a transformar em tributos. Lembro-me da tarefa ingrata com que então me defrontei, tão semelhante à que agora tenho entre mãos. Como se pode resumir em trinta minutos de comentários – como agora em meia dúzia de páginas – cerca de quarenta anos de uma vida dedicada ao ensino e à investigação?

O que mais me surpreende no *curriculum vitae* do Prof. Mário Lages é a clara demonstração da sua polivalência, a sua propensão ao envolvimento em diferentes cenários de ensino e pesquisa. No plano da docência deu muito à Faculdade de Ciências Humanas da UCP, onde começou a leccionar em 1970. Mas as funções de docência multiplicaram-se por muitas outras instituições como o Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa, o Instituto Universitário dos Açores, o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, a Universidade de Linköping, a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Superiores do Litoral Alentejano. Em algumas das instituições de ensino por que passou, à cabeça das quais a Universidade Católica Portuguesa, o Prof. Mário Lages não se limitou a leccionar. Participou activamente nos seus órgãos de gestão e coordenação, tendo exercido variadas funções. Mais ainda: colaborou activamente no lançamento de projectos, iniciativas e centros de investigação que hoje são uma realidade pujante. Lembro, por exemplo, que foi membro da Comissão Instaladora da Faculdade de Ciências Humanas da UCP; membro fundador do Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa; membro fundador do Núcleo de Estatística do Centro de Informática da UCP, agora Centro de Estudos e Sondagens de Opinião de que foi director até pouco tempo antes de se aposentar. Na vertente de ensino, o que se destaca é um enorme eclectismo que o levou a leccionar em múltiplas áreas do conhecimento: Sociologia (Geral, da Educação, da Religião, da Mobilidade Social, da Estratificação e Classes Sociais, da Ética), Etnologia Portuguesa, Antropologia Cultural,

Demografia e Metodologias de Investigação. Destaque deve também ser dado às colaborações em projectos de intervenção comunitária, nomeadamente a nível do planeamento regional, das previsões demográficas e dos impactos ambientais, para além do número impressionante de sondagens pelas quais foi responsável: quase centena e meia.

Talvez possamos olhar para o percurso académico do Prof. Mário Lages da mesma forma que Hertz olhou para a religião no seu célebre artigo “*La prééminence de la main droite*”): há um “*sacré gauche*”, de dispersão; e um “*sacré droit*”, de conversão. E não tenho dúvidas em afirmar que este “*sacré droit*” corresponde a um universo metodológico. De facto, o Prof. Mário Lages é, por excelência, um metodólogo, independentemente de laborar com metodologias qualitativas ou quantitativas; ou quer as suas pesquisas se desenvolvam no campo da antropologia, da sociologia ou da demografia. E como metodólogo que é, o que sobressai nos seus trabalhos de pesquisa é o rigor audacioso (ou a audácia rigorosa), a ponderação imaginativa (ou a imaginação ponderada)... enfim, a constante submissão à prova e à dúvida metódica das interpretações que sucessivamente -- e com sucesso -- vai construindo .

Foi isso mesmo que descobri na sua vasta produção científica. Veja-se, por exemplo, o estudo sobre “*Os imigrantes e a população portuguesa. Imagens recíprocas*” (2005) e o notável rigor metodológico colocado na problematização do objecto de estudo, no levantamento das hipóteses, nos questionamentos teóricos. Uma tipicidade do que acabo de referir é a reflexão feita sobre a constituição das amostras de populações minoritárias, como a dos imigrantes. Neste como em outros estudos pode sobressair uma aparente sobrevalorização das hipóteses *culturalistas*, já que os núcleos teóricos de partida para elas apontam: num caso procura-se desvendar, nas respostas dos inquiridos, imposições do sistema cultural (à Parsons); noutra caso, muito embora se valorize o inter-relacional, é de novo dada primazia às sobredeterminações culturais. No entanto, o alcance das propostas do Prof. Mário Lages vai bem mais longe, já que o que pretende mostrar é que na base das realidades sociais estão mais as imagens que essas realidades produzem do que os factos que as constituem. Daí o seu apelo insistente para que se submeta a uma vigilância epistemológica a realidade que se nos apresenta como “nua e crua”. Ao discutir a metodologia do Inquérito, o Prof. Mário Lages, em vez de a apresentar como uma “metodologia imaculada” – como aqueles que apressadamente fazem equivaler a realidade social à realidade sondada – procura antes desvendar as “zonas-sombra” que, como bem afirma, “nem à consciência do respondente por vezes são suficientemente visíveis”. Muito ganhariam os estudantes de ciências sociais na aproximação a estes protocolos metodológicos guiados pelo rigor científico à luz do qual os “dados” devem ser submetidos a uma sistemática submissão à prova.

A polivalência metodológica é um dos atributos deste notável cientista social. Fazemos uma incursão pela obra “*A Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal (1950-2000)*” e folheie-se o precioso capítulo sobre “*A religiosidade popular na segunda metade do Século XX*”. Precioso porque é claramente uma peça de investigação onde o sociólogo das sondagens coexiste com o antropólogo, uma vez que não se limita a aferir dados comportamentais e atitudinais, procurando, paralelamente, desvendar os “investimentos simbólicos” da acção, ainda que usando a metodologia do questionário fechado.

A rubrica das “promessas religiosas” é das mais instigantes neste universo de “investimentos simbólicos”, desde logo ressaltando a realidade do “país prometedor” que somos (salvo seja o país, em crise tão conturbada!), uma vez que cerca de 60% dos inquiridos responderam ter já feito, pelo menos uma vez na vida, uma promessa. Nada que nos surpreenda, a avaliar pela mediatização de algumas promessas como as de autarcas e treinadores de futebol que acorrem ao Santuário de Fátima para suplicar supostas benesses que não sabemos se correspondem a actos de fé ou a temores de quem apenas se lembra de Santa Bárbara quando tropeja. Não por acaso o afamado bruxo de Fafe é tanto mais solicitado por dirigentes desportivos quanto mais se aproxima o final dos campeonatos, ou seja, quanto mais abaixo da chamada “linha de água” se encontram as equipas na luta por fugir à despromoção. Talvez mesmo possamos reivindicar a conveniência em distinguirmos os “motivos (alegados) para” fazer uma promessa das “razões porque” ela é feita. A distinção entre “motivos para” e “razões porque” foi bastante trabalhada por Schutz. É que nas sondagens de opinião todos os indicadores parecem convergir para os “motivos para”. Promete-se para curar doença própria ou de familiar; para obter um bom resultado escolar; para obter sucesso na produção ou negócios; para resolver um problema amoroso; para obter boas colheitas; para obter bons resultados desportivos, etc. Mas... e quanto às *razões porque* as pessoas prometem? Esta deriva schutziana dos “motivos para” em direcção às “razões porque” é o que faz com que Mário Lages procure sempre uma contextualização da produção dos dados por sondagens de opinião, alargando, ao nível da interpretação, os horizontes problemáticos da sociologia que desenvolve. É nessa lógica de descoberta e de permanente questionamento que se inscreve outra de suas mais recentes obras, de pendor mais antropológico: *Vida/Morte e a diafanias do mundo na história da carochinha. Ensaio Etnológico* (2006). É um trabalho interessantíssimo que incide sobre o estudo das estruturas das narrativas populares e da teia de significados com que elas tecem o imaginário colectivo. É uma espécie de jogo de “gato e rato” que o Prof. Mário Lages estimula: a busca do sentido através das insignificâncias, dos silogismos, dos paradoxos, dos enigmas.

Que razões, que a razão mais comum desconhece, farão com que o demógrafo e o sociólogo das sondagens coexistam com o antropólogo ou o etnólogo? Como é que o demógrafo se descobriu antropólogo? Como é que uma trajectória académica comporta tantos “*tumultuous point*” biográficos? Como é que o *sacré droit* sobrevive à dispersão? Talvez que a máquina de pensar nos possa ajudar a encontrar uma resposta. As distintas lajes de conhecimento que o Prof. Lages vai desenvolvendo são como um arquipélago de ilhas interligadas sob a superfície da água. A única forma de descobrir essa conectividade é mergulhando nesses descontínuos, aparentemente desligados da “interconectividade”. A máquina de pensar ajuda-nos na revelação de todos esses arcanos do mundo do conhecimento.

Temos um esplêndido passado pela frente? A interrogação é feita por Eduardo Galeano, à janela de onde divaga sobre a memória (“Janela sobre a Memória II”). Mas o que aprendemos do autor de *As Palavras Andantes* é que “para os navegantes com desejo de vento, a memória é um ponto de partida”. Também neste caso a máquina de pensar é capaz de nos fazer entender as várias tonalidades do tempo, mostrando-nos como passado e presente se enroscam com cumplicidade quando mutuamente se olham ao espelho do

futuro. Bastará atribuir a cada uma das tonalidades do tempo um determinado valor, articular as suas distintas colorações a partir de apropriadas configurações geométricas (círculos, quadrados, triângulos), girar as manivelas da máquina e esperar que ela própria confirme e assuma a calúnia que Jorge Luís Borges lhe dirige: “*elle ne fonctionne que trop, funciona demasiado*” ! Assim, se quisermos explicar a cor do tempo, atribuímos a cada uma das letras lullianas o valor de uma cor, rodamos os discos da máquina e – dando tempo ao tempo – acabaremos por descobrir que o inconstante tempo pode assumir todas as cores do arco-íris e mais aquelas que se possam imaginar: as espessamente cinzentas, as matinalmente azuis, as verdes de maresia, etc. – sabido já que neste etc. se abrigam todas as cores do tempo, havidas e por haver.

E porque a memória é um “ponto de partida” – como dizia o autor de *As Palavras Andantes* –, a obra de Mário Lages transborda para além do tempo da sua gestação, é ponto de partida de outros obreres, outras reflexões. Ou seja, é uma obra aberta para outras navegações do pensamento. Ainda agora ando às voltas com um dos mais belos textos que Mário Lages escreveu, publicado, há tempos, na revista *Análise Social*, sobre o rito do “*pagamento da cabrita*” nos casamentos exolocais. O artigo é fascinante do ponto de vista da análise da simbologia do rito, ao mesmo tempo que nos impele a pensar em muitas outras chaves de interpretação do rito, em muitas outras dimensões analíticas: a económica, a psicológica, a demográfica, o próprio efeito dos movimentos migracionais no desaparecimento do rito. A interpretação “culturalista” do rito sugere-nos os seus efeitos “inclusivos”, isto é, a possibilidade de o rito contribuir para o reforço da vida comunitária. Na mesma linha de interpretação surge a hipótese do cerimonial do *pagamento da cabra* poder contribuir para a inclusão, na comunidade, de quem lhe é estranho: o noivo que vem de “fora” buscar noiva. O rito parece cumprir, efectivamente, uma função integrativa. Mas ficamos depois a pensar: será que mesmo tendo pago a “cabrita”, o noivo continua a ser olhado como “de fora”? De facto, se um rapaz que já tivesse pago a *cabrita* por namorar uma rapariga de aldeia alheia viesse a namorar com outra da mesma aldeia teria de pagar nova *cabrita*. Esta ocorrência é um indício de que a integração não é plena. Aliás, em Rio de Onor, onde o rito é conhecido como “pagar al piso”, Jorge Dias mostra-nos que este pagamento de direito a namorar tinha uma validade limitada: não mais de três meses, ao fim dos quais se exigia nova cobrança. E então damos connosco a pensar nas articulações possíveis entre os aspectos *conjuntivos* e *disjuntivos* do rito, para usar a terminologia de Levi-Strauss. Talvez mesmo possamos levantar a *hipótese punitiva* na interpretação do rito do *pagamento da cabrita*, como aliás o propôs Jorge Dias e o próprio Abade de Baçal, ao fazerem associar o pagamento do vinho (ou *robra*) ao conceito de “multa”. O termo *robra*, usado em Bragança, procurei-o, como Mário Lages, em dicionários de Português e não o encontrei. Mas encontrei-o em dicionários de Espanhol, pois é um termo da língua de Cervantes. Não espanta que em Bragança se usem termos da língua vizinha por proximidade fronteiriça. Qual o significado de *robra*? O seguinte: “alboroque, refeição que se dá, quando se faz um contrato; luvas; o que se dá a título de presente, além do preço ajustado num contrato” (*Dicionário de Espanhol-Português*, por Júlio Martínez Almoyna, da “Real Academia Gallega”, Porto, Dicionários Editora, 1979). Na língua portuguesa existe o termo

*alboroque* ou *alborque*, de origem árabe (*al-buruk*) e que remete para o mesmo significado: refeição que se dá quando se fecha um contrato.

Não por acaso, em seu fascinante artigo, Mário Lages questiona a relação contratual entre os rapazes da aldeia e o noivo de “fora” que à aldeia vem buscar noiva. Estamos perante um verdadeiro enigma. A sua decifração pode passar pelo significado que o termo “cabrita” possa ter. Na linha das ideias wittgensteinianas, o significado de uma palavra deriva justamente do uso que dela é feito em situações concretas. Numa de minhas últimas passagens por Viseu, mais precisamente por algumas aldeias de Sátão e Penalva do Castelo, onde também existia o costume do “pagamento da cabra”, questionei alguns aldeãos sobre o significado do termo “cabra”: *Era uma cabra que o noivo tinha de pagar?* Negaram-me convictamente esta hipótese, tendo-me alguns dito que a cabra era uma ovelha tresmalhada, ou seja, a rapariga que tinha rejeitado os rapazes da aldeia para se casar com um de “fora”. Perguntaram-me ainda se não conhecia a “cabritinha” do Quim Barreiros e ao responder-lhes que não, imediatamente me recomendaram, em tom malicioso, que o ouvisse. Logo que retornei a Lisboa comprei um exemplar do tão badalado CD, onde aparece o tal Quim Barreiros, com um farfalhudo bigode, a ser beijado por uma cabrita. Ou seja, a *cabrita* parece assumir uma dupla valência: ora como valor de transacção (equivalente geral de trocas), ora como objecto transaccionável. Esta última hipótese é também sugerida no conto “A cabrinha do padre-cura” que, aliás, faz equivaler a cabrita à mulher mal comportada. A morte da cabrita do padre-cura (‘Mi padre furtou a cabrinha del curito / E matou-a nel curralito), representará, simbolicamente, o assassinato da cabra da mulher que foi dormir com quem não devia (‘El cura dormiu com mi madre, / Isto mê padte lo sabe.’). Indo à boleia do pensamento de Mário Lages, confrontamo-nos com a tensão entre os de “cá” e os “de lá”, tão presente nos casamentos exolocais, para não falar de outras tensões, aliás expressas em alguns ditos populares. Por exemplo: “Eu casei-me na Mutela com uma moça de feição; de bonita não tinha nada, pobre sim, honrada não”. Este dito, recolhido por Jorge Dias, no seu estudo sobre Rio de Onor, equaciona o valor da mulher em função de três parâmetros: o *estético* (“de bonita não tinha nada”), o *económico* (“pobre sim”) e o *moral* (“honrada não”). Se levarmos em linha de conta que nas “festas dos rapazes”, em algumas aldeias transmontanas, havia uma disputa em dinheiro pelas raparigas, o que é que podemos concluir? Que embora a disputa a dinheiro pareça ter por finalidade a angariação de ajudas para a “patuscada”, provavelmente o ritual reflectirá uma disputa real pelas raparigas num ficcionado mercado matrimonial, em que a dimensão económica não parece estar ausente de todo, como também é sugerido por algumas loas transmontanas do “ciclo dos doze dias”, com a pregação dos dotes. Enfim, que significado poderá ter o aparente desconjuntamento de antigos rituais como a *feira dos rapazes* – recentemente ressuscitada por efeito de uma “reinvenção da tradição” – ou o *pagamento da cabrita*, em manifesta fase de decadência? Qual o peso da emigração neste declínio (ou ressurgimento), bem assim como das oportunidades de mobilidade social a ela associadas? Obrigado, Mário Lages, por tantas e estimulantes interrogações que o artigo me suscitou, só para dar um exemplo. Daí que a minha singela homenagem tenha acabado por se inspirar na máquina de pensar de quem se entregou ao desafio de escrever o que

viveu, de viver o que escreveu, de pensar no que viveu escrevendo e no que escreveu vivendo, deitando mão das artes combinatórias (desde logo as triangulações metodológicas), e com a mesma mão acenando-nos o convite para o acompanharmos na laboração da dita máquina de pensar.